



RESENHA DO LIVRO “SOBRE A AUSÊNCIA E A INCOGNOSCIBILIDADE DE DEUS”

POR ROCHELLE CYSNE

YANNARAS, Christos. **On the absence and unknowability of God: Heidegger and the Areopagite**. London: Continuum, 2005

Palavras-chave: Apofaticidade; Morte de Deus; Inefalibilidade; Teologia Negativa; Escolasticismo.

A obra “Sobre a Ausência e a Incognoscibilidade de Deus” do Teólogo e Filósofo grego contemporâneo Christos Yannaras é uma importante síntese do modo como os Ocidentais mal se apoderaram da Filosofia Grega e, ademais, produziram uma Teologia que teria por base justamente essa visão desencontrada do Logos Apofático. Yannaras segue insights teológicos carregados de suma polêmica sempre deixando explícita sua aversão pelos rumos que o debate tanto filosófico quanto teológico tiveram no Ocidente. Essa aversão pode ser amenizada pela grande contribuição que Heidegger acabou tendo em teólogos posteriores ao Concílio Vaticano Segundo, o que seria, de certa forma, uma nova assunção da necessidade de se revisitar a obra de Yannaras e estabelecer pontos de diálogo entre ambas as tradições teológicas do cristianismo.

Andrew Louth na Introdução ao livro supracitado, afirma que em 1980 Yannaras “se tornou uma figura pública, como um dos re-condutores da ‘Nova Ortodoxia’ (como foi apelidado por seus oponentes, especialmente da esquerda política), que procurou transcender a divisão entre o “Romano” e o “Heleno” e criou um senso de identidade grega contra o Ocidente (no que veremos mais abaixo) que aproximou tanto o passado clássico “helênico” quanto à tradição espiritual da Ortodoxia Grega, pelo menos como ela se manifesta na tradição monástica do Monte Athos”. Segundo ainda o teólogo autor da introdução da versão inglesa de “Sobre a Ausência e Incognoscibilidade de Deus”, Yannaras conseguiu ter insights tanto incomuns para aqueles aparentados com a Teologia quanto para os da Filosofia. Sua obra permanece desconhecida do público ocidental simplesmente por ter sido escrita originalmente no grego moderno, mas não por sua aparente irrelevância. Poucos de seus



trabalhos foram traduzidos: seis de seus trabalhos estão em francês, cinco em italiano e apenas dois em inglês até agora (*The Freedom of Morality*, Crestwood NY, 1984; e *Elements of Faith: an Introduction of Orthodox Theology*, Edinburgh, 1991), e apenas um em alemão, ainda que seja o mais importante - *Person and Eros*.

“Sobre a Ausência e a Incognoscibilidade de Deus” é o primeiro livro de Yannaras, mas que contém em germe boa parte de sua discussão teológica posterior. De 1964 a 1967, Yannaras sofreu grande impacto da filosofia heideggeriana, e o impacto desta filosofia pode ser fartamente sentido em seu primeiro livro. Em Heidegger, Yannaras encontrou uma análise certa do desenvolvimento da filosofia ocidental que acabaria por explicar o abismo profundo que se fixou entre o Leste Grego e o Oeste Latino, fosso selado pelo Grande Cisma. Este desvio do Oeste da verdadeira tradição grega tanto na Filosofia quanto na Teologia explicam porque o próprio Ocidente causou em seu interior cisões profundas representadas pela Reforma e a Contra-Reforma. Tanto Heidegger quanto Yannaras se inspiram em Heráclito, “O Obscuro” como fonte de inspiração para o Logos Apofático, o qual, segundo Yannaras esteve sempre presente na filosofia grega, até mesmo em autores como Platão e Aristóteles. A tradição heraclitiana é aquela que poderia explicar de forma ainda mais profunda a sabedoria hesicasta, uma fonte de conhecimento vivo.

É explícita a antipatia de Yannaras com relação ao Ocidente, que para nós pode soar como exagerada e injusta, mas que na verdade não o é, se analisarmos os diferentes rumos que a presença da filosofia grega se deu no Leste e no Oeste. Yannaras aceita a condenação que Heidegger faz das filosofias de Platão e Aristóteles apenas parcialmente, porque julga que o próprio Ocidente não compreendeu a presença do Logos Apofático nesses autores.

A tradição do asceticismo hesicasta é a tradição que é essencial ao entendimento de Yannaras da Teologia, e seus trabalhos podem ser vistos explorando as implicações desta tradição. Sua atitude não é de mero anti-ocidentalismo por uma espécie de nacionalismo grego, mas uma tentativa de revelar que a Teologia Ortodoxa teve insights que se tivessem sido compreendidos pelos Ocidentais, teriam libertado a filosofia ocidental de uma asfixia presente até os dias de hoje. No livro *Sobre a Ausência e Incognoscibilidade de Deus*, Yannaras sinaliza o tema da morte de Deus tal como ela é problematizada por Nietzsche e Heidegger, especialmente na famosa passagem da Gaia Ciência (§125: o homem louco). O “homem louco” está entre aqueles que mataram Deus, o qual foi morto pelos próprios



devotos, pela própria Igreja, e não pelos incrédulos. A própria Igreja tratou Deus como um ente entre entes, fazendo dEle desnecessário e irrelevante, uma espécie de artigo de museu, algo que se considera como um valor histórico. Yannaras diz que no Ocidente Deus foi reduzido a um tipo de “tapa-buraco”- ‘causa primeira’, ‘valor supremo’ - e neste sentido, apenas servindo a propósitos humanos, que justificaram, muitas vezes, estruturas sociais repressivas. Os desdobramentos da ‘onto-teologia’ do Ocidente (isto é, a redução de Deus a um ente, mesmo que supremo) é sumamente desastroso. No entanto, Yannaras exige um movimento mais radical, que recoloca novamente a metafísica grega em sua forma originária, o que os ocidentais não compreenderam: é preciso reabilitar a importância de Heráclito, a quem o Ocidente virou as costas, e unir esse chamado do Ser à experiência eclesial, do ouvir a Jesus e segui-lo a partir de uma experiência apofática. O que Yannaras quer mostrar é que os incrédulos tiveram muitas vezes uma experiência mais divina de Deus do que aquela apresentada pela igreja institucional, que apenas reduziu Deus a uma autoridade suprema a quem se devia obedecer, dando-lhe uns atributos que tornariam essa obediência mais persuasiva.

Yannaras desenvolve uma resposta a Heidegger a partir de São Dionísio, ou Dionísio Pseudo-Aeropagita. Dionísio não fala de Deus enquanto causa primeira, causa de si, ou ser supremo, ou supremo valor; ora, Deus transcende totalmente o mundo que Ele criou e qualquer concepção humana lhe é estranha como o criado é do Incriado. Teologia apofática não é, então, um meio de corrigir a teologia afirmativa, como pensou Tomás de Aquino, e a Teologia Natural é impossível sem a Teologia Mística, o que o escolasticismo não compreendera. A Teologia Apofática é o reconhecimento de que a experiência de Deus envolve uma dimensão existencial que ultrapassa qualquer arrogante conceituação humana. O Ser que se pode conhecer definitivamente não é Deus, que permanece incognoscível. O nada que advém dessa ausência de Deus, o niilismo ocidental, nasce justamente dessa idolatria ocidental com relação ao Ser Compreensível.

Outro aspecto importante da exposição de Yannaras, que é algo importante e também muito presente no trabalho de Vladimir Losski e Dumitru Stăniloae é a distinção entre indivíduo e pessoa, sendo que “pessoalidade” é uma contribuição original do cristianismo à filosofia, na sua análise de Deus como tendo 3 pessoas e uma ousia. No Ocidente o indivíduo é enfatizado em termos de auto-identidade e na sua distinção de outros indivíduos, como um



tipo de unidade irreduzível ou mônada, em que alguns traços são comuns a outros indivíduos e alguns são específicos, enquanto a pessoa é definida em termos de relação: enquanto abertura e reconhecimento do ‘outro’. Vemos aqui um importante paralelo entre o pensamento de Yannaras e aquele de E. Levinas. A palavra grega para ‘pessoa’, *prosopon*, pode ser dividida em: *pros*, ‘para’, ‘em direção a’, e a raiz ‘*ops*’ significa olho ou face (opsi no Grego moderno significa ‘aparência’, ‘semblante’, ‘rosto’). “Estar em relação, dirigir-se face a face a um outro que percebo significa ser uma pessoa”, como lembra Andrew Louth na introdução à obra. Nesta relação eu descobro não o que é o ser humano em termos de generalidade, mas como um encontro, e desta soma nasce-se a noção de “pessoa”. O modo de relação da Trínade é relacional, cada uma das pessoas dá testemunho das outras duas, cada pessoa revela a outra, uma outra distinção que ficou esquecida na Teologia do Ocidente que pensou a distinção entre as pessoas por caracteres psicológicos.

Ao lado desta distinção, Yannaras introduz outra, entre essência e atividade ou energia, tema comum na teologia ortodoxa cristã, a qual todos os cristãos ortodoxos se remetem ao quererem se diferenciar dos latinos. A essência divina é incognoscível, coisa que os latinos também admitem (embora busquem um conhecimento analógico para ultrapassar esse problema), enquanto que esse problema é sanado pelos Gregos não se caindo num agnosticismo, mas sabendo que Deus se faz conhecer a si mesmo em suas atividades ou energias. Yannaras argumenta que este é também o procedimento a partir do qual conhecemos as pessoas: através de sua atividade criativa ou através de seu modo de lidar com as outras pessoas, é no modo como as pessoas se inter-relacionam que descobrimos a singularidade de cada ser humano.

Pelo conhecimento pessoal revela-se o outro, o que exige compromisso e engajamento. As pessoas se revelam em suas relações inter-pessoais não em suas naturezas, mas em seus modos de existência. E deste engajamento nasce o amor como uma possível resposta, como um chamado à participação de uma vida em comum, como uma possibilidade de vida humana autêntica. E por isso a moralidade humana não é uma questão de conformar-se a um código moral imposto externamente, mas um chamado ao amor e à liberdade, à descoberta do apofatismo também no Outro que a mim se apresenta.

Ainda que este livro *Sobre a Ausência e Incognoscibilidade de Deus* tenha sido publicado décadas atrás, ele ainda não perdeu a sua relevância. Ainda que Yannaras veja o



catolicismo romano como escolasticismo, o que é uma redução talvez até grosseira, a análise do Ocidente é fiel em seu desgarrar-se dramático. E por termos após o Concílio Vaticano Segundo autores mais simpáticos a Heidegger, talvez o diálogo entre Ocidente e Oriente não pareça, como pensou Yannaras, virtualmente impossível. Muitos teólogos ocidentais concordariam com Yannaras no que ele deplora da Teologia Ocidental, enquanto ao mesmo tempo encontrarão muitos elementos na história da teologia ocidental que escapa dessas restrições e apontam outros caminhos para a Teologia Mística. E isso até mesmo para Tomás de Aquino, cuja doutrina da analogia é muito mais experimental e sutil do que Yannaras faz compreender. A análise crítica da *analogia entis* que o teólogo protestante Karl Barth desenvolveu, mostrava esse conceito como o elemento inaceitável do catolicismo romano. Mas isso pode dever a uma interpretação errada do que ensinou Tomás de Aquino, cujo elemento de apofatismo é também muito presente. De qualquer modo, esse livro quanto tantos outros de Yannaras merece ser lido e sua mensagem ouvida principalmente num mundo em que a voz de Deus e de seus filhos se torna cada vez mais irrelevante.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- 1) Para um relato da Nova-Ortodoxia e a parte de Yannaras nela, veja Vassilios N Makrides, “Bizantium in Contemporary Greece: the New Orthodox Current of Ideas’ in *Bizantium and Modern Greek Identity* (eds.) David Ricks and Paul Magdalino (Aldershot, 1998), pp. 141-53, especialmente 146-9).
- 2) Georges Florovsky, tradução para o inglês, vol. 1, Belmont M.A., 1979; vol. 2, Vaduz, 1987 (vol. 5 e 6 dos *Collected Works* do Padre Georges Florovsky).
- 3) Yannaras, ‘A distinção entre Essência e Energias e sua importância para a Teologia’, em *St. Vladimir’s Theological Quarterly* 19 (1975), pp. 232-45.